

## UM “*ALTER CHRISTUS*” O Zaratustra como contraposição a Jesus\*

Ederson Halair Hammes\*\*

### Resumo:

No presente trabalho, por meio de uma análise das primeiras linhas do Zaratustra, tentamos demonstrar como Nietzsche fez uso da forma literária, com uma simbologia própria, para construir suas críticas pela problematização filosófica. Ao mesmo tempo, apresentamos elementos da crítica nietzschiana ao cristianismo que aparecem, já no início do Zaratustra.

### Palavras-chave:

Nietzsche, linguagem literária, problematização filosófica, Zaratustra, Cristo.

### Considerações gerais sobre *Assim falou Zaratustra*

É o marco da maturidade de Nietzsche. No *Zaratustra* ele encontra a forma de expressão ideal para os seus pensamentos<sup>1</sup>. Por essa razão, acabou não se tornando apenas um livro ou um clássico da filosofia, mas uma verdadeira obra de arte, a obra-prima de Nietzsche. Uma metáfora muito encantadora sobre os problemas da cultura grega/judaico-cristã, com uma musicalidade que chega a ser poética. O Zaratustra não nasceu para ser lido, mas para ser vivido (como discutiremos mais adiante).

---

\* Texto apresentado em Jornada Acadêmica ocorrida na Universidade Católica de Goiás (UCG), de Goiânia, em dezembro de 1999, e revisado pelo autor.

\*\* Membro do Grupo de Estudos “*Gotear da Filosofia em Terras Oeste*” e Acadêmico do Curso de Filosofia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

A beleza encantadora do Zaratustra faz dele, antes de mais nada, uma obra de arte. Porém, por trás de sua beleza se escondem grandes perigos. O maior deles é o da interpretação. O primeiro contato com tal obra gera um grande êxtase, uma grande euforia. Uma segunda leitura já pode se tornar muito confusa, tendo em vista que o Zaratustra é constituído por uma linguagem muito *polissêmica*<sup>2</sup>. Essa é uma armadilha montada propositadamente por Nietzsche, que reconhece em várias ocasiões como em uma carta enviada ao prof. Karl Knortz (21/06/1888): “*para sentir o mesmo (Zaratustra) serão necessárias gerações inteiras, que primeiro façam suas as vivências interiores às quais essa obra deve sua origem*” (EH<sup>3</sup>, apêndice, p. 132); e na “*Genealogia da moral*”, quando fala que só conhece o Zaratustra quem já foi “*profundamente ferido e profundamente encantado por cada palavra sua*” (GM, *Prólogo*, § 8, p. 14).

Apesar dos perigos, Nietzsche fornece muitas pistas em escritos posteriores que podem contribuir para uma melhor compreensão do Zaratustra. Isso nos leva a aconselhar a não lê-lo separadamente das obras que vieram depois deste.

Mas o Zaratustra também possui caráter filosófico, que, ao nosso ver, pode ser entendido de duas maneiras. Primeiramente, assim como Descartes, Kant e outros, a originalidade de Nietzsche tem sentido filosófico<sup>4</sup>. Em segundo lugar, a forma de problematizar que ele possui, vai tornar-se essencial para a filosofia do século XX. Nietzsche não usa os métodos tradicionais de problematizar e criticar, como tratados ou ensaios. Usa a metáfora, a alegoria, a poesia, o canto ditirâmico<sup>5</sup>, fazendo com que Zaratustra se dê a entender sem que, no entanto, seja compreendido; a partir daí podemos dizer que o Zaratustra é um conjunto de mitos e símbolos muito bem armados e direcionados: à crítica da cultura da confiança na fé e na razão<sup>6</sup>.

Tendo feito estas considerações introdutórias, partiremos para uma análise do primeiro parágrafo do prólogo de “*Assim falou Zaratustra*”, até antes da introdução do agradecimento ao sol. Tentaremos ver como ele trabalha sua simbologia e a põe a favor de suas idéias. Sobretudo, mostraremos como é possível contrapor o Zaratustra de Nietzsche, que é concebido como a personagem ideal para a crítica da cultura da fé e da razão, à imagem bíblica de Jesus de Nazaré.

## Especulando ao redor do primeiro parágrafo do prólogo do Zaratustra!

Com a investigação deste parágrafo<sup>7</sup> tentaremos, na medida do possível, entender não tanto a crítica de Nietzsche, mas principalmente a linguagem literária e filosófica através da qual ele expressa seu modo de ver o Messias dos cristãos, em outras palavras, utilizaremos o referido texto para demonstrar o modo de problematizar nietzschiano. Assim, temos como problema básico a seguinte questão: *o que diferencia o Zaratustra de Cristo, uma vez que, até certo ponto, se assemelham na forma?* Ou, de outra maneira, partiremos do aspecto estético (literário) do Zaratustra, para o aspecto filosófico.

Vamos fixar-nos, em princípio, na primeira expressão do texto. A personagem de Nietzsche afasta-se de sua pátria com trinta anos. Para os cristãos, a que isto remete? Ao *Cristo*, personagem histórico-bíblico que deu origem ao movimento histórico denominado cristianismo, que começou sua vida pública saindo de sua terra natal aos trinta anos (cf. Mt 3, 13. 4,13; Mc 1, 9; Lc 3,23). Acreditamos que essa seja apenas uma pista, *uma idéia que conduza o leitor a entender imediatamente, por livre-associação*, a quem Nietzsche quer atingir. Deste modo ele não precisa ser preciso, livrando-se das amarras da filosofia tradicional, o que vai exigir uma “*arte de interpretação*” (EH, *Prólogo*, § 8, p. 14) por parte do leitor.

Um elemento interessante que não se deve esquecer é o *abandonar a pátria*, ou o lar, ou a cidade onde viveu. Acontece com ambos, mas com sentidos diferentes. Para Cristo significa deixar o seu lar e ir cumprir sua missão, servir a Deus junto aos homens. Em Zaratustra, porém, é sair do seio da civilização para ir a um ambiente de resgate da solidão. Mais adiante, Nietzsche reforça esta idéia quando Zaratustra desce da montanha “*sozinho e sem encontrar ninguém*” (Z, *Prólogo*, §2, p. 34)

Em seguida, Zaratustra fica dez anos na montanha. O que também pode ser correlacionado a Jesus que, ao sair de sua terra, vai para o deserto e fica quarenta<sup>8</sup> dias jejuando e orando (cf. Mt 4,1-2; Mc 1,12-13; Lc 4,1-3). Notemos que Nietzsche fica não somente com o tempo ideal da tradição judaica (40 – quarenta), mas também com o

número da perfeição de Pitágoras (10 – dez). Pois, assim como Jesus ficou quarenta dias no deserto, Zaratustra completou quarenta anos na montanha. É aqui que começa a sobreposição da personagem de Nietzsche a Jesus, pois aquele não é apenas numérica ou simbolicamente pleno, mas também perfeito.

No que tange ao ambiente, a contraposição é mais do que clara. Nietzsche aqui parece estar respeitando a tradição bíblica, pois grande parte dos acontecimentos da Bíblia, principalmente no Antigo Testamento, tiveram início em uma montanha ou monte, é aí que Moisés, por exemplo, é chamado e preparado por Deus para salvar o seu povo (Ex 3,1 ss.) e, mais tarde, para organizá-lo (Ex 19,3 ss.); e, dito no Salmo, o Messias também deveria ser ungido sobre a “*montanha sagrada*” (Sl 2,6). Quem garante que ele não procure a Deus neste momento?!

Cristo, porém, inicia sua vida pública sendo batizado no Rio Jordão, que geograficamente está abaixo do nível do mar. No entanto, no decorrer de sua vida pública, seguidamente sobe à montanha para orar (Mt 26,30.36; Mc 3,13; Mc 14,26; Lc 6,12; Lc 22,39) e, fundamentalmente, em Mateus, faz sua mais completa pregação em uma montanha: “*o sermão da montanha*” (Mt 5-7)<sup>9</sup>. Apesar de parecer um afastamento de Deus ficando tão baixo, não podemos esquecer que depois de ser batizado Ele procura a Deus no deserto.

Embora, aqui, ambos pareçam equívaler, pois tanto a montanha quanto o deserto são ambientes isolados dos outros homens, ele parecem querer ficar a sós, Zaratustra ainda se diferencia por gozar de *seu* espírito. Cristo, inversamente, é conduzido pelo Espírito Santo. A grosso modo, o ar e o espírito os diferenciam, mas a intenção, no sentido de que tanto um quanto o outro querem, por um certo tempo, afastar-se da humanidade, os aproxima.

Ao final de quarenta dias, Cristo foi tentado pelo diabo<sup>10</sup>. Quais foram as tentações pelas quais Ele passou? Faremos aqui apenas uma síntese-interpretativa (exegética) dos textos bíblicos que falam sobre as tentações, com o auxílio do estudo já feito por Alois Stöger<sup>11</sup>. Não citamos tais textos literalmente porque nem todos os Evangelhos reportam esta passagem, apenas Mateus e Lucas (Mt 4,3 ss.; Lc 4,3 ss.) e mesmo eles não as colocam na mesma ordem. A única coisa que se percebe, é que a primeira tentação é comum aos dois relatos. Assim:

- Transforme pedra em pão: a primeira tentação que Ele recebe é o questionamento de seu poder divino. Uma vez que o próprio Deus o reconheceu como filho (durante o seu batismo – Mt 3,17; Lc 3,22), Cristo tem, então, *poder ilimitado*, é divino, e pode transformar pedra em pão pela sua palavra e saciar sua fome – “*Manda que esta pedra se transforme em pão*” (Mt 4,3; Lc 4,3). Ele responde, porém, com a obediência: Jesus é aquele que ouve a palavra de Deus e é o seu Servo. Cristo não usa o poder que recebeu do Pai em benefício de si próprio e da satisfação de *suas* necessidades humanas, pois considera não ser necessário conservar apenas o que é terreno, mas também o que é divino – “*Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus*” (Mt 4,4; Lc 4,4).
- Atira-te para baixo para que Deus te salve: esta tentação é posta por Mateus como a segunda. Lucas, porém, utiliza-a para encerrar as tentações. O diabo o conduz até a cimeira do templo e o convida a se jogar, pois Deus o salvará. O tentador quer levar Jesus a fazer uso dos privilégios que possui e, mais ainda, a inverter as posições: passar de Servo a Senhor; de ser aquele que obedece, a ser aquele que é obedecido. Mas Cristo insiste em ser o Servo de Deus e desmascara a pretensão à qual o diabo quer levá-lo: a *tentação de Deus* (cf. Mt 4, 5-7; Lc 4,9-12). Esta tentação também indica qual a intenção do tentador, *conduzir “o Filho de Deus à queda”*<sup>12</sup>.
- Dar-te-ei poder se te prostrares diante de mim: levando Jesus a um lugar alto, o diabo brinca de Deus mostrando, “num passe de mágica”, tudo que lhe pertence. Lucas acrescenta, pela boca do próprio Satanás, que mesmo ele tem dependência (de Deus) – “*(...) este poder com a glória destes reinos, porque ela me foi entregue (...)*” (Lc 4,6). Nesta tentação, ao propor que Jesus se prostre diante dele, o tentador mostra seu interesse de não apenas possuir sua glória neste mundo, mas também de tornar-se o seu sentido, colocando-se no lugar de Deus. No entanto, Cristo permanece em sua posição (cf. Mt 4,10; Lc 4,8) e firma-se como o Servo de Deus, expulsando, segundo Mateus, o Satanás.

Cristo, após viver no deserto, sofre, passa fome. Zaratustra, porém, é o contraste, *goza* do seu espírito e não se cansa da solidão.

Zaratustra não é tentado, mas está inspirado e inspira-se cada vez mais, é um verdadeiro poeta, que em seguida faz um belo discurso ao sol, pelo que dele recebeu<sup>(13)</sup>. Provavelmente não era de muito interesse para Nietzsche, por isso não temos uma descrição da montanha, a única idéia que temos é a de que é um lugar solitário. O deserto de Jesus já não era tão solitário, pois lá vivia na companhia das feras e dos anjos que o serviam (Mc 1,13) e, mais no final, foi acompanhado pelo diabo.

Segundo a teologia católica, Cristo é *verdadeiro Deus e verdadeiro homem*, simultaneamente. Podemos dizer, então, que é um ser “*além do homem*”, possuindo, deste modo, potencialidades que nenhum outro homem possui. A essas potencialidades (de origem divina) Ele diz não, no intuito de se tornar igual aos outros homens. Ele reprimiu, ao ser tentado, o potencial que faz Ele ser *aquele que é*<sup>14</sup>. Jesus não se sobrepõe aos instintos humanos para beneficiar-se, embora pudesse tê-lo feito. Zaratustra, ao contrário, *gozando de “seu” espírito* e sem se cansar, transmite a idéia de que viveu na montanha utilizando apenas as suas potencialidades e o que a natureza lhe oferecia. Zaratustra não encontrou, ali na montanha, nem ao menos quem lhe colocasse alguma barreira, da mesma forma como não sentiu-se questionado ou vazio, mas estava repleto de si mesmo.

Pensamos que conseguimos nos fazer entender e desvelar um pouco da forma literária de Nietzsche. Faremos então nossas últimas colocações que servirão, acreditamos, como contribuição para uma melhor compreensão da crítica feita por Nietzsche.

## Considerações finais

Perguntamos: por que Nietzsche preparou tão bem o Zaratustra? Que razões teria ele para montar essa personagem dessa maneira? Para responder essas perguntas de um modo satisfatório precisaríamos tratá-las sob três aspectos: o dualismo do *Zoroastro*, personagem histórico iraniano a quem se atribui a fundamentação de tal conceito através do “*Zend-Avesta*”, do movimento chamado *mazdeísmo*; o racionalismo e a metafísica, representados por Platão; e, por fim, a demasiada confiança na fé como fundamento dos valores, tendo como

representante Jesus de Nazaré. Esses são três elementos criticados por Nietzsche através do Zaratustra<sup>15</sup>. Como já mencionado anteriormente, nos ateremos apenas ao último destes aspectos.

Nietzsche não faz sua crítica frontalmente, mas sim indiretamente, por associação simbólica. Ele usa seus próprios símbolos para expor seu pensamento, o Zaratustra pode ser considerado o maior deles. Esta maneira de problematizar obriga o leitor a reconstruir os conceitos que Nietzsche quer atingir. Se não o fizer, não será possível entender a crítica nietzschiana. Com isso, por meio da leitura do Zaratustra, Nietzsche está obrigando o leitor a superar-se a si mesmo para que possa chegar a vivenciar a experiência de estar repleto de seu próprio espírito.

Outro fato interessante é o de que nada destaca algo de maneira tão clara e evidente quanto o seu oposto, como por exemplo, para destacar o preto usa-se o branco ou vice-versa. Por isso Nietzsche concebe o Zaratustra como um “*alter Christus*” (outro Cristo), mas um *alter Christus* que vai dizer (ou fazer) as coisas em sentido contrário a Jesus. Assim, Zaratustra é o Messias de “ponta-cabeça”, ou seja, é Cristo se contradizendo a si mesmo, é uma guinada do cristianismo (cultura da fé) para uma cultura do instinto da liberdade, da vontade de poder, da plenitude de si mesmo... Enquanto Cristo Jesus se entregou para ser conduzido por Deus em um caminho de sofrimento, o “Cristo Zaratustra” conduz-se a si mesmo e vive em gozo, ainda que na solidão.

A partir daí, temos de afirmar que o Zaratustra não é apenas uma crítica, mas, em sua totalidade, é essencialmente uma proposta. Mas ainda aqui há semelhança com Jesus, pois da mesma maneira como o cristianismo só pode ser entendido e realmente acontecer se for vivido como Cristo, também a cultura do instinto de liberdade<sup>16</sup> em relação ao Zaratustra. Por isso, talvez ainda não nos seja possível viver a plenitude de nosso próprio espírito (que é o homem que se supera a si mesmo e torna-se o *super-homem*, que é anunciado, então, após esta brilhante caracterização do Zaratustra), pois, reafirmamos com Nietzsche, “*serão necessárias gerações inteiras, que primeiro façam suas as vivências interiores*” feitas pelo Zaratustra, pois ele deve ser vivido e não simplesmente lido.

## Notas:

<sup>1</sup> Cf. Machado, *Zaratustra, tragédia nietzschiana*, p. 20.

<sup>2</sup> É linguagem polissêmica pelo fato de ser, enquanto linguagem literária, acessível a um grande número de leitores, ou seja, tem horizonte aberto e, com isso, o sentido do conteúdo significativo (filosófico) nunca está fechado e os conceitos não se concatenam como devem para atingir sentido preciso, concedendo, dessa forma, *possibilidade* de diversas interpretações por parte dos leitores (cf. Vélez, *El puesto de Nietzsche en la historia de la filosofía*, p. 8).

<sup>3</sup> Estamos utilizando neste trabalho as seguintes abreviaturas das obras de Nietzsche: *Ecce Homo* = EH, *Genealogia da Moral* = GM e *Assim falou Zaratustra* = Z.

<sup>4</sup> Cf. Héber-Suffrin, *O ‘Zaratustra’ de Nietzsche*, p. 38.

<sup>5</sup> O Zaratustra fala consigo mesmo (EH, *Assim falou Zaratustra*, § 7, p. 90). De certo modo, podemos dizer que é uma analogia ao “diálogo da alma consigo mesma”, considerado por Platão (*Teeteto*. 2. ed. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Gráfica da Editora Universitária da UFPA, 1988, p. 68).

<sup>6</sup> Cf. Héber-Suffrin, op. cit., p. 38.

<sup>7</sup> O texto a que nos referimos é “Aos trinta anos de idade, deixou Zaratustra sua terra natal e o lago da sua terra natal e foi para a montanha. Gozou ali, durante dez anos, de seu próprio espírito e da solidão, sem deles se cansar (...)” (Z, *Prólogo*, § 1, p. 33).

<sup>8</sup> De acordo com a tradição bíblica e da Igreja, o número 40 significa tempo ideal ou plenitude (cf. Stöler, *O Evangelho segundo Lucas*, I parte, p. 129-130).

<sup>9</sup> Mesmo aqui Nietzsche faz uma versão de Cristo, pois mais adiante, ainda no prólogo, Zaratustra faz o primeiro anúncio quando desce da montanha (cf. Z, *Prólogo*, § 2).

<sup>10</sup> O diabo aparece para Jesus, nesta passagem, com dois sentidos: como aquele que quer separar Deus e os homens; e como aquele que quer igualar-se a Deus.

<sup>11</sup> Trabalho intitulado “*O Evangelho segundo Lucas*”, faremos uso da I parte, p. 132-137.

<sup>12</sup> Stöler, *Op. cit.*, p. 136.

<sup>13</sup> Machado, *Op. cit.*, p. 35.

<sup>14</sup> “No Antigo Testamento, a fórmula ‘sabereis que eu sou’ (...) afirma o poder divino...” Nota da Bíblia de Jerusalém, p. 2007, letra g.

<sup>15</sup> Cf. Héber-Suffrin, op. cit., *Por que Zaratustra fala assim*, p. 31-40.

<sup>16</sup> Instinto de liberdade, que Nietzsche prefere chamar de *vontade de poder*, é o *Eu animal* do homem que “*extravasa a natureza conservadora e violentadora*” de sua força ativa (GM, II, §18, p. 76).

## Bibliografia

HÉBER-SUFFRIN, Pierre. *O “Zaratustra” de Nietzsche*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1991.

VÉLEZ, Danilo C. *El puesto de Nietzsche en la historia de la filosofía*. In: LEFEBVRE, Henri. *Nietzsche*. Trad. (espanhola) Ángeles H. de Gaos. México : Fondo de Cultura Económica, 1993 (Breviarios).

MACHADO, Roberto. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. 2. ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1997.

NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Mário da Silva. 9. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

STÖGER, Alois. *O Evangelho segundo Lucas, I parte*. Trad. Frei Álvaro Machado. Petrópolis: Vozes, 1973 (Novo Testamento: comentário e mensagem).

VV.AA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo : Paulus, 1995.